



Resilientes, as flores sempre voltam

Maria da Consolação Soranço Buzelin¹

Quem olha para fora sonha.
Quem olha para dentro
desperta.
(Carl Jung)

Resenha de:

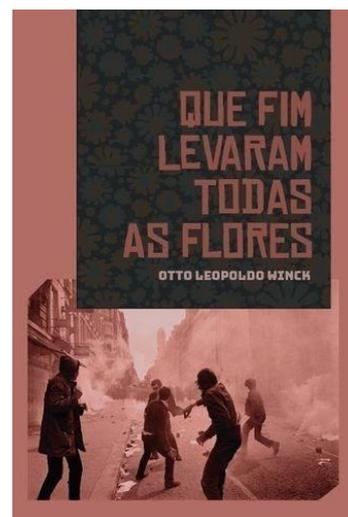
WINCK, L. O. **Que fim levaram todas as flores**. Curitiba: Kotter editorial, 2019. 296 págs.

Cheguei mais cedo para o lançamento do livro. Absorta, pensava o quanto inusitado era o local. Cabeludos com camisas coloridas estampavam na frente uma foto de Che Guevara. Garçons passavam com bandejas onde o Chope gelado transbordava pelas bordas de copos suados. De vez enquanto um pedinte, roupas rotas, esgueirava-se entre as mesas.

No corredor, em uma mesa, estava o livro. Logo de início chamou a minha atenção a gravura da capa e o título. Quem como eu, já havia visto imagens semelhantes estampadas em jornais da época, reconhece bem essa foto. Sei agora que o livro abordará um tema histórico. O fato histórico em um texto literário tem a finalidade, entre outras, de servir como instrumento para que o autor tenha a possibilidade de criar histórias ficcionais de acordo com a sua originalidade. O título do livro foi tirado, de uma música do grupo *Secos e Molhados*, gravado nos anos setenta, quando o Brasil já estava sob o Regime Militar.

O tema do romance gira em torno dos fatos que aconteceram antes e durante esse tempo conturbado em nosso país que durou de 1964 até 1985, perfazendo 21 anos.

“Que fim levaram todas as flores” não é apenas baseado em fatos históricos. Ao criar um paralelo entre as vidas das três personagens principais da narrativa: Ruy (narrador), Adrian e Elisa, jovens idealistas que sonham em construir um mundo melhor e mais igualitário, Otto Winck foi feliz ao mesclar a realidade desses fatos históricos com uma narrativa estruturada em memórias, realidade de conflitos estudantis e informações sobre acontecimentos advindos da época na qual as personagens vivem.



¹ Mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade - Uniandrade. Curitiba. PR.

A estrutura da narrativa é dividida em três partes: território abandonado; quem sabe faz a hora; lua da memória. No início de cada uma delas há a mesma foto que ilustra a capa do livro, como a nos lembrar que o romance tem um fundo histórico.

Na primeira parte, há uma consideração sobre os “sonhos.” Logo após as personagens são apresentadas. Ficamos sabendo dos anseios dos três jovens e o dia a dia de suas vidas, suas crenças, seus laços familiares e sociais e a ideologia que revela a personalidade de cada um. O narrador em primeira pessoa indica que ele também faz parte dos acontecimentos

A segunda parte, continua em primeira pessoa. Com a mudança de cidade o rumo da narrativa vai sendo delineado. A meta de cada uma das personagens, os conflitos do momento histórico são descritos com mais informações. Embora a exposição seja lenta, com descrições atravessadas por textos explicativos, localizações de ruas da cidade e termos advindos da linguagem; nada disso ofusca o valor da narrativa, pois a consistência da memória do narrador, o vigor das palavras, não só esclarece como enriquece o relato. Dessa forma, o leitor mais desavisado da época na qual os fatos se desenrolaram, terá mais clareza ao registrar sentidos que talvez lhe escapem.

A terceira parte quebra um pouco a narrativa até aqui. Torna-se mais inesperada. Mais poética. Ao iniciar com um narrador em terceira pessoa, observador, notamos um distanciamento à história narrada. Ruy e Adrian, já mais velhos, encontram-se em um bar da cidade. Os dois, trocam lembranças dos tempos de juventude, até os dias atuais. Perto do final Adrian faz um balanço da trajetória de suas vidas “A história de garotos que entram na política pela porta do movimento estudantil, se empolgam, enfrentam a ditadura, pegam armas, são presos, torturados, exilados, e depois da abertura tentam fazer um balanço das ilusões perdidas, é muito manjada”.

Como no início, o final do romance tem uma explanação sobre “sonhos”. Dessa forma concluímos que a narrativa foi feita *in media res*, ou seja, apresentação de um fato que irá ocorrer no final da narrativa.

Propositalmente, deixei para ler no final as páginas em cinza que compõem o livro. São três páginas no princípio e quatro no final.

Fico feliz de ter tomado essa decisão. Contidas nessas páginas em gris, a narrativa parece equilibrar-se. Fecho o livro. Posso agora compreender a homenagem do autor ao lançar o seu livro naquele bar. A leitura terminou. Será mesmo que terminou? Penso nessa duplicidade entre Ruy e Adrian. Quem será Adrian? Quem será Ruy? Suas vidas mesclando-se em uma só. Penso no duplo de Dostoiévski.

Otto Wink, com maestria, vai deixando pistas que aguçam a interpretação do leitor. Sei que durante muito tempo essas páginas em gris me acompanharão, com suas muitas leituras. Será que os sonhos findaram-se em uma revolução ou resilientes permanecem vivos?

Por ora vou escutar a música do Geraldo Vandré, *Prá não dizer que não falei de flores*. Talvez, eu reencontre na música a adolescente que também, há muito tempo, sonhou com um país melhor e jogou flores na avenida, flores essas que, foram esmagadas por canhões.